

Brasil e Alemanha têm relações exemplares

ENTREVISTA: GERALDO HOFFMANN E DR. UWE KAESTNER

O ex-embaixador brasileiro em Berlim, José Artur Denot Medeiros – sócio da DBG durante sua gestão na capital alemã –, despede-se dos leitores de “Tópicos” com bons votos e a seguinte entrevista. Seu sucessor, Luiz Felipe Seixas Corrêa, assumiu o cargo em 30 de setembro passado. Ele conhece a Alemanha e a DBG de uma atuação anterior em Bonn e será apresentado na próxima edição de “Tópicos”.

Tópicos: Com que expectativas e com que imagem da Alemanha o senhor assumiu o cargo?

Medeiros: Eu cheguei aqui há três anos e meio, em março de 2002, com a expectativa de trabalhar em um grande posto da diplomacia brasileira, um grande desafio profissional. Mas sabia que seria também agradável, em função do relacionamento existente entre os dois países.

A imagem que o Brasil tem da Alemanha é a de um país rico, em ascensão, com uma atuação em política externa mais autônoma. O governo e o povo alemão são amigos tradicionais do Brasil, independentemente de quem está no poder, e existe uma certa simpatia permanente da Alemanha em relação ao Brasil. Minha expectativa de um posto profissionalmente gratificante foi mais do que superada e a imagem que eu tinha da Alemanha como um país amigo do Brasil foi inteiramente confirmada.

Tópicos: Que imagem os alemães tinham do Brasil quando o sr. chegou a Berlim? Ela mudou durante sua gestão?

Medeiros: Eu faria uma observação de caráter geral sobre a imagem do Brasil na Alemanha: diria que há dois níveis, dois círculos distintos onde essa imagem é percebida. O primeiro círculo é aquele percebido pela população em geral: nele transitam os grandes clichês sobre o Brasil. O Brasil do sol, do samba, do futebol, o Brasil da alegria. Esses clichês na verdade são

clichês simpáticos, que convergem para a idéia de um país amigo e aberto.

E existem vários círculos de imagens em segmentos da sociedade alemã que conhecem o Brasil. São os empresários, os estudantes, alguns partidos políticos, grupos ou pessoas que têm um intercâmbio de qualquer natureza com o Brasil. Então, o desafio, não só para a embaixada como para os dois países, é fazer com que esses círculos se alarguem e preencham o espaço que hoje em dia é ocupado só pelos clichês mais amplos, os clichês que são percebidos pela população em geral. Eu acho que esse é um trabalho permanente que tem de ser feito pelos dois lados: pelos alemães que conhecem o Brasil e pelos brasileiros que têm esse relacionamento com a Alemanha. Você não pode criar a imagem de um país. Um país tem a imagem que a sua própria sociedade tem de si mesma, e projeta na sua mídia local. Isso por um lado; por outro lado, a realidade de um país democrático é aberta, transparente. Não pode ser fabricada, não pode ser intermediada, como em regimes autoritários. A imagem do Brasil na Alemanha ainda é boa, ainda é, na maioria dos casos, uma imagem muito genérica, mas simpática. Com a intensificação do intercâmbio de toda natureza, ela tenderá a ser cada vez mais precisa.

Tópicos: Bem no início de sua missão, houve a visita do presidente Lula à Alemanha. Ele correspondeu às expectativas geradas na

ocasião ou está decepcionando os alemães?

Medeiros: A viagem do presidente foi um sinal muito claro da importância das relações Brasil-Alemanha. Foi uma viagem feita no primeiro mês do governo Lula, em fins de janeiro de 2003, e a primeira visita bilateral que ele fez a um país qualquer. A visita serviu sobretudo para estabelecer um contato pessoal com o chanceler federal [Gerhard] Schröder, e com o então presidente federal [Johannes] Rau, que no ano seguinte visitou o Brasil. Aparte essa visita, as relações bilaterais têm se desenvolvido de maneira extraordinariamente satisfatória; são relações excelentes em todos os níveis, não têm irritações importantes, não têm heranças de divergências do passado, da história.

Eu sempre digo que as relações entre Brasil e Alemanha são como um jogo em que, se você põe mais fichas, a aposta é sempre maior. Há sempre a possibilidade de aumentar o intercâmbio entre as sociedades civis, não só o intercâmbio comercial. É uma questão de se colocar mais recursos, de qualquer natureza, inclusive humanos. Haverá sempre um retorno favorável a esse investimento de recursos no relacionamento. Eu diria mesmo, exagerando um pouco, que o relacionamento bilateral pode ser considerado modelo, um relacionamento exemplar entre um país europeu, rico e industrializado, e um país em desenvolvimento importante como o Brasil. O nosso relacionamento é baseado



sobretudo numa interpenetração permanente das duas sociedades civis, de todos os segmentos que estabelecem pontes e intercâmbios.

Tópicos: Na visita do presidente Lula, o assunto dominante da agenda internacional era a situação do Iraque. A visita resultou numa posição harmonizada entre o Brasil e a Alemanha, mas há outros pontos da chamada parceria estratégica, que não deram resultados convincentes. Evidentemente temos também uma mídia crítica que diz que a parceria estratégica é uma 'façon de parler'. Qual é a sua avaliação?

Medeiros: Acho que a parceria estratégica é uma expressão simbólica, um chamado de atenção, uma expressão-resumo do relacionamento. No nosso caso, ela foi utilizada pela primeira vez em fevereiro de 2002, quando da visita – única até agora – do chanceler federal Schröder ao Brasil. Ela é importante, politicamente, porque o relacionamento político entre os dois governos é cada vez mais estreito. Ela serve como uma sinalização para as duas sociedades. A posição conjunta contra a guerra no Iraque é apenas um exemplo. Depois houve várias iniciativas internacionais de peso, e eu citaria duas: a campanha da luta contra a fome e a pobreza, lançada na ONU pelo presidente Lula, à qual a Ale-

manha se juntou e está entre a meia dúzia de países que promovem soluções novas e alternativas para angariar recursos na luta contra a fome no mundo todo. E a outra é a nossa parceria para a reforma do CSNU, através da formação do famoso G-4. O Brasil e a Alemanha são o motor central do G-4, ao qual se juntaram a Índia e o Japão. Eu só tenho uma observação nesse ponto: apesar de todas as dificuldades, das resistências criadas, de todas as campanhas individuais contra o G-4, nós sabemos, Brasil e a Alemanha, que temos razão. E a luta continua.

Tópicos: Tratamos o nosso relacionamento como membros de integração regional. Nos anos passados, houve muitas reuniões e negociações entre a União Européia e o Mercosul. Foi dado novo impulso pelo presidente Lula, numa conversa com o presidente da Comissão Européia, José Manuel Durão Barroso. Quais são as expectativas? Acha que o Brasil e a Alemanha, como forças centrais dessas regiões, podem fazer mais para facilitar o acordo?

Medeiros: Brasil e Alemanha, que estiveram na origem do lançamento dessas negociações bi-regionais, têm atuado justamente nesse sentido, dentro de seus respectivos agrupamentos regionais, e continuarão a ter esse mesmo papel

positivo, por uma razão muito simples: nós temos interesses econômicos muito claros nesse acordo, independentemente de governos. Eu tenho muita confiança de que a nossa parceria com a Alemanha, neste contexto, será reforçada.

Aliás, houve recentemente, no dia 2 de setembro, uma boa novidade: uma reunião de ministros do Mercosul e da UE, em Bruxelas, na qual foram relançadas as negociações com um calendário muito claro de reuniões até o começo de 2006 e foi reafirmada pelos ministros a importância da conclusão desse acordo. É um impulso a que tanto o Brasil quanto a Alemanha devem responder. O Brasil certamente responderá de forma positiva dentro de nosso agrupamento regional com medidas de coordenação interna para relançar as negociações.

Tópicos: Nesse sentido foi dado um sinal muito claro também no Encontro Econômico Brasil-Alemanha em Fortaleza, mas há na Alemanha quem hesite, sobretudo no que se refere à agricultura alemã e europeia. Há algum tipo de compreensão no Brasil para esse tipo de hesitação?

Medeiros: Compreensão sempre existe, porque as pessoas que lidam com essas negociações muito complexas no nível da OMC ou das relações com a UE sabem da história da agricultura europeia. O que nós queremos é uma reforma na política agrícola da UE. Nós queremos convencer os europeus de que essa política é anacrônica, cara demais e prejudica, antes de mais nada, o próprio consumidor europeu. Não se trata apenas de obter mais acesso para os produtos agrícolas do resto do mundo, mas se trata também de proteger os interesses do consumidor europeu. Um exemplo muito claro é a política comunitária do açúcar. A UE não tem a menor competitividade

na produção de açúcar, produz um açúcar três vezes mais caro do que o preço internacional e, apesar disso, é a segunda maior exportadora mundial de açúcar, depois do Brasil. Isso é um absurdo econômico, contraria todos os princípios da OMC e contraria também todos os interesses que a própria UE apóia nas organizações internacionais voltadas para a ajuda ao desenvolvimento, e contraria as próprias políticas bilaterais de desenvolvimento dos países da UE. De modo que a reforma da política agrícola comum como um todo, mas também especificamente do regime comunitário de produção e exportação de açúcar, é imperativa, pois interessa tanto ao consumidor europeu e aos tesouros dos países europeus, quanto aos países exportadores de açúcar, como o Brasil e algumas nações na África.

Tópicos: A embaixada tem realizado eventos de promoção de produtos brasileiros, não só na Alemanha, mas também em países vizinhos a leste. Que marca tem deixado esse trabalho da embaixada?

Medeiros: A embaixada faz um trabalho permanente de promoção das exportações brasileiras, através de um banco de dados na internet chamado Brazil Trade Net. O sistema é muito completo e cada vez mais aperfeiçoado, e procura colocar em contato, dar informação a importadores locais sobre as possibilidades de exportadores brasileiros. Entre países de economia de livre mercado, o máximo que se faz é possibilitar esse contato. Depois, se o contato gera ou não um negócio específico, é uma questão do setor privado.

Temos estatísticas, sim, do comércio bilateral, que tem crescido consideravelmente nos últimos anos, acompanhando o crescimento do comércio exterior brasileiro e da própria Alemanha. Sobretudo devi-

do às taxas altíssimas de crescimento das exportações brasileiras nos últimos dois ou três anos, a corrente de comércio entre Brasil e Alemanha superou pela primeira vez os US\$ 9 bilhões em 2004 e as exportações brasileiras pela primeira vez os US\$ 4 bilhões. As importações brasileiras da Alemanha passaram também dos US\$ 5 bilhões.

Sobre o comércio bilateral, tenho duas observações: uma de que é um comércio desequilibrado – não tanto no sentido estatístico de que a Alemanha tem um saldo positivo permanente, mas desequilibrado no sentido da estrutura do comércio. O Brasil exporta para a Alemanha produtos como se fosse um Brasil dos anos 30, 40, como se fosse um Brasil pré-industrializado. Só três produtos agrícolas e matérias-primas são responsáveis por mais de 50% da pauta de exportações brasileiras: soja, café e minério de ferro. Na outra corrente, toda a exportação alemã é exclusivamente de produtos de alto valor agregado. O Brasil hoje em dia já é um exportador global, com mais de 50% da pauta de exportações de produtos manufaturados, até de altíssimo valor agregado, como aviões a jato e automóveis. Esse é o primeiro problema das exportações brasileiras para a Alemanha. O segundo problema são as barreiras para o acesso ao mercado alemão, para produtos processados da área agrícola. Mas aí já não é mais um problema do relacionamento bilateral, é um problema do relacionamento do Brasil com a UE. Sempre encontrei aqui em Berlim grande simpatia pelas posições brasileiras, mas elas são sempre referidas para as negociações em Bruxelas ou em Genebra.

Tópicos: Vamos passar para outros assuntos. Como se desenvolvem as relações culturais após a reestruturação do Instituto Cultural Brasileiro na Alemanha (ICBRA)?

Medeiros: Queria dizer, antes de mais nada, que uma das mais importantes atividades que desempenhei aqui nos últimos três anos e meio foi a de tentar expandir a imagem da cultura brasileira em Berlim, aprofundar o relacionamento cultural entre os dois países. Por duas razões: Berlim é crescentemente uma capital cultural; da Alemanha, da Europa, e com projeção mundial. Em segundo lugar, porque a cultura brasileira, que é única no mundo, tem uma grande aceitação, uma simpatia do público alemão por suas características. Portanto, a cultura é um campo muito fértil de atuação da embaixada. Vou recomendar ao meu sucessor, e tenho certeza de que ele continuará a assim proceder, para que essa continue sendo uma das atividades prioritárias da embaixada.

Por outro lado, temos conseguido obter recursos – isso é sempre difícil – do Itamaraty e do Ministério da Cultura para apoiar projetos específicos aqui. Temos expandido as atividades na área de cinema, artes plásticas, rádio (temos um programa semanal de rádio na “JazzRadio“, de música popular brasileira, chamado “JazzRio”, de grande êxito). E temos planos para o futuro. Por exemplo, aproveitando a oportunidade da Copa do Mundo de 2006, para fazer um programa de atividades do Brasil paralelas aos jogos, aqui em Berlim e em Munique.

Tópicos: A Copa do Mundo será um ponto fantástico para a cooperação no ano que vem. Quais são as expectativas para o ano de 2006, além do futebol?

Medeiros: Vai ser um ano muito interessante do lado brasileiro: um ano eleitoral. Isto significa que vão ocorrer eleições simultâneas para presidente e vice-presidente da república, para governadores de 27 Estados, para a Câmara dos

Deputados e para 2/3 do Senado. Além disso, para todas as Assembleias Legislativas Estaduais. É uma mobilização extraordinária. Uma democracia gigantesca, de massa, informatizada e funcionando.

Do lado alemão, vamos ter, a partir de outubro, um novo governo com as eleições de 18 de setembro. Mas eu repito: eu não acredito que isso afete as relações bilaterais, que estão acima dos governos ou mesmo de indivíduos. Elas têm interesses próprios, seculares – literalmente – que fazem essas relações andarem quase que sozinhas.

Tópicos: O Brasil está presente, atualmente, em algumas manchetes menos agradáveis sobretudo com relação ao Congresso e casos de corrupção. Qual a sua opinião? Tem havido compreensão do lado alemão?

Medeiros: Acho que sim. A imagem do Brasil que a imprensa alemã projeta aqui é uma imagem esporádica. Afinal de contas, o Brasil, no imaginário alemão, é um país distante geopoliticamente. Mas naturalmente a imagem que a imprensa brasileira tem feito do nosso próprio cenário político, nos últimos três meses, revela casos ou denúncias de corrupção que precisam ser apurados. O

governo está colocando toda a máquina das instituições para promover essa apuração, e o processo ainda está em marcha. Eu tenho a impressão de que isso está sendo compreendido pelos interlocutores com quem tenho conversado aqui. Mas o Brasil não está parado; ao contrário, o país continua crescendo, nos empregos, nas exportações. A inflação está sob controle e há mais renda. O único comentário que eu faria é de que essa movimentação política dentro do Congresso e na mídia brasileira é, em parte, um primeiro episódio da campanha eleitoral de 2006. Ela começou, com essas denúncias, talvez um pouco cedo demais, mas a democracia é assim. Mas considero que uma crise como essa é uma oportunidade. Vamos superar a crise. Nossa democracia vai amadurecer.

Tópicos: Há algo que o fará sentir saudades da Alemanha? Numa perspectiva histórica, escrevendo suas memórias, quais de suas realizações o senhor gostaria que fossem lembradas como as mais importantes de sua gestão em Berlim?

Medeiros: Em primeiro lugar, ainda não pretendo escrever minhas memórias... Mas se um dia vier a escrever, vou me lembrar desses anos em Berlim como anos

muito felizes, não só profissionalmente como também do ponto de vista pessoal, para mim e para minha mulher. Vou me lembrar de muitos dos meus amigos alemães, e de muitas ocasiões em que não fui tratado como um estrangeiro, mas acolhido como se fosse amigo de muitos anos. E é esse carinho que vou levar na minha memória de Berlim. Mas como eu disse, o relacionamento bilateral independente de pessoas, portanto independente do que eu pessoalmente tenha podido fazer. Só fiquei muito contente de constatar que a imagem que eu tinha da Alemanha e do relacionamento com o Brasil é muito mais fértil, mais importante do que quando cheguei aqui.

Se há duas coisas de que me lembrarei com certo carinho, foram coisas muito simples: uma foi a exposição mais importante de artes plásticas do Brasil na Alemanha, em todos os tempos, com as obras-primas do modernismo do Museu de Arte Brasileira da FAAP, de São Paulo. Poder inaugurar-la foi uma coisa que me deu o maior prazer pessoal.

Outra coisa é ver passear pelo Spree um navio de turismo chamado “Brasil”. Foi batizado em frente à embaixada por minha mulher, no verão de 2003, e é uma presença que vai ficar como recordação de nossa passagem por Berlim.

n

ANZEIGE



H. Stern

New York Paris Rio de Janeiro São Paulo
Frankfurt Tel Aviv +30 cities around the world
Informations: 0800 227442 tmk@hstern.com.br

H. Stern hat am 22. September in Hamburg einen neuen Flagship Store eröffnet
Neuer Wall 55 · Telefon 040 3099860
Tópicos gratuliert!